



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

D. António Francisco

DEIXOU-NOS o Pastor desta Diocese do Porto, transcorridos somente três anos de exercício do seu múnus de serviço e amor ao rebanho que lhe foi dado cuidar, intensamente vivido neste período de tempo.

A sua ligação à nossa Obra vem já do tempo da sua juventude, enquanto seminarista, quando transportava consigo aquela semente que, na relação connosco, a nossa Obra ajudou a germinar e a confirmar no caminho vocacional em ordem ao sacerdócio ministerial, conforme as palavras da sua boca no-lo deram a conhecer.

Confirmados por esta sua experiência e porque sabemos que, normalmente, é neste ambiente que se dá o encontro entre a interpelação que uma necessidade levanta e a resposta que uma vontade disponível lhe dá, que pedimos aos nossos bispos o envio de seminaristas teólogos, para virem durante algum tempo tomar parte na vida das Casas da Obra da Rua, fazendo neste contacto o confronto entre os apelos que latejam no seu íntimo e os que da Obra ecoam. António Francisco, seminarista, encontrou neste mesmo confronto pessoal um efeito consolidador da sua vocação sacerdotal, para uma resposta afirmativa ao convite de Deus. E a dádiva da sua vida firmou-se até ao fim.

Também certamente por esta ligação, mas não só, enquanto Bispo do Porto, acompanhou de perto o desenrolar da vida da nossa Obra, e também, de uma forma muito empenhada, o Processo de Beatificação de Pai Américo, em curso. Os temas da Obra da Rua e de Pai Américo eram uma constante no seu diálogo com a nossa Obra mas também com a sociedade e a Igreja sempre que a sua palavra de Pastor se justificava.

D. António Francisco era pois um Pastor que vivia no meio do seu rebanho, tinha «o cheiro das ovelhas», atitude que o Papa Francisco tem como fundamental na vida dos Pastores da Igreja, e por isso mesmo partilhava as alegrias da vida do rebanho, mas também tinha obrigatoriamente de sofrer os choques que sempre se formam quando, na vida das pessoas, se criam pólos de tensão nas suas relações e responsabilidades.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

O nosso Bispo D. António Francisco

Partiu cedo demais, aos olhos humanos, ao encontro de Deus, deixando órfãos os seus filhos espirituais. São desígnios insondáveis de Deus! Pertence-nos implorar de Deus a sua beatificação e canonização para que a sua presença e a sua bênção se afirmem mais claramente em nós e na sua vida e missão encontramos um exemplo a seguir.

D. António Francisco, Bispo do Porto.

AS belas palavras, ricas de significado, que encimam esta memória viva sobre um amigo de Deus e pastor da Igreja foram pronunciadas numa Eucaristia festiva da Obra da Rua, na Casa Diocesana de Vilar, no Porto, em 19 de Julho de 2014, e dizem respeito, sim, ao Servo de Deus Padre Américo, em cuja Causa estava muito empenhado. Contudo, D. António também partiu cedo demais...

No dia 11 de Setembro, inesperadamente (a vida é um aí...), a meio da manhã, pela Renascença foi transmitida a notícia dolorosa do passamento súbito (do coração!) do nosso Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos,

ocorrido no Paço da Diocese portuguesa. Em Agosto, no silêncio beneditino, subimos a escadaria dessa casa vários dias por mor da Causa de Padre Américo. Eis algumas linhas breves do seu percurso biográfico, no caminho do Bom Pastor: Nasceu em Tendas, Cinfães (29-VIII-1948); foi ordenado Presbítero em Lamego (8-XII-1972); prosseguiu (em 1974) estudos em Paris, onde se diplomou em Filosofia e Sociologia; Professor e Vice-Reitor do Seminário de Lamego (1986-1991); recebeu a ordenação episcopal (19-III-2005), com o título de Meinedo e como Auxiliar de Braga; foi Bispo de Aveiro cerca de sete anos (2006-2014); depois (21-II-2014), pelo Papa Francisco, nomeado Bispo do Porto, grande Diocese de Antuã ao Marão...

O acontecimento da páscoa repentina do nosso Bispo do Porto é, para nós, ocasião também de encontrar ligações entre D. António Francisco e Padre Américo, nos seus itinerários de vida, no seguimento de Cristo Bom Pastor e Servo. Foi ordenado Bispo em dia de S. José. Assim, evocou a memória abençoada de seu

pai Ernesto Francisco: *que perdera lá longe no Brasil, quando eu tinha apenas quinze anos.* Ao Padre Américo o seu Bispo de Coimbra D. Manuel Luís, em 19 de Março de 1932, confiou-lhe a *Sopa dos Pobres*.

Há ainda outra recordação familiar de eterna gratidão, evocada na sua homilia de 6 de Abril de 2014, na Igreja Catedral do Porto. Na verdade, no lema episcopal de D. António Francisco — *In manus tuas* — também se espelhava a ternura materna: *o rosto sofrido da minha Mãe [Donzelina dos Santos], a braços com grave e prolongada doença.*

Na sua entrada na Diocese do Porto, D. António acenou logo modelos de serviço aos pobres para a Igreja Portucalense e em Portugal: *Sejamos ousados, criativos e decididos sempre mas sobretudo quando e onde estiverem em causa os frágeis, os pobres e os que sofrem. Esses devem ser os primeiros porque os pobres não podem esperar! Temos na história da Igreja do Porto modelos de caridade que nos podem guiar neste caminho.*

Voltando a 19 de Julho de 2014, nesse dia confidenciou recordações de jovem seminarista e

Continua na página 4

MALANJE

Padre Rafael

COMEÇARAM as chuvas e terremos cinco meses de seca. Todos os camponeses começam a preparar-se para a campanha agrícola. Ainda assim, teremos de esperar pelo mês de Outubro, para que a terra esteja preparada para receber as sementes e as plantas que nos alimentarão a partir de Janeiro ou o próximo ano... se se tratar de mandioca.

Em Casa, acelerámos o trabalho para concluir a reabilitação de alguns dos nossos telhados. Já se mudou o do posto de saúde, da casa das Irmãs e da casa 2. E agora queremos concluir o do refeitório. Depois, começaremos a mudar a instalação eléctrica, algumas portas e pintá-las.

A fundação *Manos Unidas* financiou a ampliação de cinco salas para alunos e uma de professores. Neste caso, é um projeto de auto-construção onde a Casa do Gaiato, os alunos das escolas e os próprios pais dos alunos, vão contribuir com o seu trabalho para poderem realizá-las.

A nossa horta, na Carianga, está lindíssima. Temos um hectare de hortaliças, repolho, pimento, tomate, cebola, beterraba, berinjelas... que têm melhorado a nossa alimentação. Também para os nossos trabalhadores. E o que sobra, para vender e podermos juntar um pouco de dinheiro para continuar com a produção. Este ano, transformámos um contentor num depósito de água e fomos possível regar e plantarmos novos projectos, para apoiar os agricultores das nossas aldeias.

Tudo isto, graças ao empenho dos nossos Gaiatos e a ajuda da nossa Obra da Rua, que nos apoiou economicamente. Dinheiro que vem da generosidade de tantas pessoas que se privam de algumas coisas, para partilhar com os demás. Chegou-nos um e-mail a informar que nos vão chegar alguns materiais num dos contentores da empresa Recauchutagem Nortenha, que sempre está disponível... O sr. Ricardo Rocha, Marco de Canaveses, amigos de Paços de Ferreira, a Câmara de Penafiel... tantos e tantos amigos — que digo família desta Obra dos pobres, para os pobres, pelos pobres. Família daqueles que se fazem um pouco mais pobres para que outros deixem de sê-lo, pelo menos minimizar um pouco esse sofrimento. □



Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CONSTRUIR COMUNIDADES HUMANAS — Apareceu-nos há dias uma pessoa que viveu por cá a sua infância e juventude. Depois partiu para uma vida que foi muito difícil onde passou por situações de quase escravatura e de pessoa sem abrigo. Teve ajuda para sair delas e continua a ter ajuda para o seu processo de reinserção social na localidade onde agora vive.

Apesar desse apoio que está a ter e que por cá dificilmente lhe poderá ser proporcionado nas várias áreas que o compõem, veio-nos pedir para lhe arranjarmos uma casa por cá. As redes de sociabilidade que tinha quando cá viveu já quase não existem. No sítio onde agora vive tem outras que estão a ser uma boa ajuda para ele. Conversando com quem lida com ele nessas redes, dizem-me que ele fala sempre muito dos tempos que por cá viveu, mesmo que eles também não tenham sido sempre fáceis.

Lembramo-nos destes e outros casos numa iniciativa que organizamos sobre a importância que precisa de ser dada às comunidades humanas no combate aos problemas sociais. As comunidades humanas não são lugares idílicos de fraternidade. É nelas que os problemas sociais existem em toda a sua dureza e, por isso, também é nelas, para elas e por elas que esses problemas devem ser combatidos. Esse combate não deve ser feito à distância, ou através de incursões rápidas nessas comunidades de "técnicos" vindos de fora, sentados em cima dos seus saberes que vão "salvar" as comunidades da má situação em que se encontram. Esse combate deve ser feito vivendo nas comunidades, com todos os seus problemas, e contribuindo, todos os dias, com a nossa acção de partilha solidária, para que sejam cada vez mais comunidade. O trabalho vincente deve ser assim.

Nem sempre temos bem a noção da relevância que as comunidades humanas têm. Vendo algumas de fora e não do ponto de vista de quem a elas pertence, parece-nos que são espaços donde é melhor sair. Não somos só nós cidadãos que assim pensamos e agimos. Os poderes públicos também agem muitas vezes assim na forma como lidam com os problemas sociais. É mais fácil retirar uma criança, um jovem, ou uma família da comunidade onde vivem do que trabalhar com essa comunidade para combater os problemas sociais que a afectam. Quem decide à distância não conhece nada e, muitas vezes, nem sequer se preocupa em conhecer esses laços comunitários e a sua relevância. Quando assim é anda-se para trás e não para a frente em termos de combate aos problemas sociais. Que Deus nos ajude a não sermos assim no nosso trabalho vincente, ou noutro que seja em prol de uma sociedade onde possa haver mais Amor ao Próximo! □

BEIRE — Filhos órfãos de pais vivos

Um admirador

INTIMIDADES DEVASSADAS. No café, em mesa ao lado da minha, está uma mãe jovem. Tem ao lado um filho de aproximadamente 10 anos. Ela está ao telemóvel e parece um pouco alterada. Fala alto e sem grande sentido do que seja a *intimidade familiar*. Percebe-se-lhe o teor da conversa. Tinha sido chamada à escola devido ao mau comportamento do filho. Telefonava para o pai do rapaz, separado da mãe, a viver em Lisboa. Percebi que ela o acusava e responsabilizava pelo mau comportamento do filho na escola. Aos berros, ela vai retorquindo que ele não tem autoridade nenhuma para a acusar de nada, porque se tinha descartado do filho; tinha ido à vida dele sem qualquer preocupação pelo rapaz e ela é que o tinha criado sozinha com toda a responsabilidade que isso implica. Seguiu-se uma troca mútua de imprecações que se ouviam em todo o café. Com termos duros em que, às tantas, *todos são uns bandidos...*

O rapaz estava ali, a ouvir tudo. Caladito, envergonhado, como quem brinca, com o seu telemóvel. Por vezes, até me parecia rir-se por dentro. Como quem assiste a uma cena que já lhe é familiar. Às tantas, a mãe sobe ainda mais o tom de voz, levanta-se e vai para fora do café, a modos de falar mais à vontade. O rapaz levantou-se também e seguiu a mãe. Pareceu-me que não queria perder o fio da conversa. Passado um bocado entraram novamente. Ela foi ao balcão pagar e saíram os dois num silêncio de cortar à faca. Entretanto, pedi a minha conta. Empregado e eu olhamos e, mais por gestos que por palavras, dissemos ao mesmo tempo "que vida!..." Comentamos o desnorte desta conversa na frente do miúdo que serviu ali de mote para toda a descarga da raiva que ainda (des)june estes pais.

HISTÓRIAS DE CASAS DO GAIATO. Vim a remoer o futuro destes miúdos. Revivi histórias de miúdos que conheci nas Casas do Gaiato — daqui e/ou de África. Histórias de outros jovens que acompanhei — porque, sem perceberem muito bem como, foram apanhados nas malhas da toxicodependência. Histórias de homens e mulheres que hoje andam empurrados pela vida — sem rumo certo. Com filhos sacudidos de adopção para adopção. A sentir-se um peso na família. Própria ou *emprestada*. Um joguete, um estorvo, uns bandidos — como chegou a ser dito.

Compreendo melhor a queixa insensata de quem acusa tudo e todos porque *eu não pedi a ninguém para nascer...* Como se isso fosse possível a alguém. Sei que são formas banais de dizer que não se sentiram amados/as nem protegidos/as por aqueles que os colocaram cá. E o ter um *bode expiatório* não cura mas alivia...

Deixei-me sentir a dor daquela mulher jovem, mal amada, ferida, sempre num *enxoelho*. A apontar o dedo e sempre na mira de dedos que se lhe apontam. Frustada nos seus sonhos de um amor para durar. Mas em que *nada passou de uma ilusão*. Como se, para ela, a vida fosse *um destino triste*. Fiz minha a dor destes miúdos usados como bolas de *ping-pong* pelos pais - sem saber a quem pertencem. Lembrei o Tonito, de oito anos, numa escola da Foz: — *Ó professora, ninguém me quer, professor!*... *Já tive três pais e agora não tenho nenhum. Ninguém me quer, professor!*...

Desacreditei-me de psicologias da treta, sociologias e outras políticas sociais de gabinete. Pregam muito, mas não fazem nada. Porque, sem *misericórdia*, toda a ciência ética vira tirania. Debruço-me então sobre a *Boa Nova* do evangelho. Que, em boa verdade, só agora começo a DES+cobrir. Cada vez mais encantado. A sonhar com mais revolucionários pacíficos. Como Pai Américo e a *Obra da Rua*. Seu contemporâneo irlandês, o P.e Flanagan (1886-1948) que, nos EUA criou a *Cidade dos Rapazes*. Também ele sacerdote católico, que dedicou toda a sua vida à educação de crianças e jovens delinquentes e abandonados. Enterneço-me com um Gandhi, um Abbé Pierre, um Jean Vanier. Paro-me com Luther King, porque também *Eu tenho um Sonho...* Ou, já no nosso tempo, Nelson Mandela e Madre Teresa de Calcutá. E tantos/as apaixonados/as por esse inquietante, mas ainda inacabado *Projecto Humanizador do Pai* que continua a fazer do *Carpinteiro de Nazaré* o ideal de tantas vidas que arrancam à triste sorte estas crianças e estas mães. É tempo de *SER* esperança... □

PAÇO DE SOUSA

Repórter C

130 ANOS — Estamos a preparar no nosso Museu uma exposição celebrativa dos 130 anos do Nascimento do nosso querido Pai Américo. Será inaugurada no dia 23 de Outubro, dia em que Pai Américo faria 130 anos de idade. O programa para esse dia será apresentado no próximo número d'O GAIATO.

OFICINAS — O Mendão anda a fazer uma rampa para colocar no exterior do Museu para que as pessoas que se movimentam em cadeira de rodas possam mais facilmente chegar até ao nosso Museu. O nosso mestre carpinteiro está a terminar os seus trabalhos no Museu, com a montagem do tecto

falso no hall de entrada. Os nossos tipógrafos estiveram a fazer cadernos para os nossos Rapazes estudantes e a imprimir o novo Boletim AMA que sairá na próxima edição d'O GAIATO.

SALÃO DE FESTAS — Os nossos «Batatinhas» vão começar a ensaiar com o nosso professor de dança, o Luprício. Eles dançam bem, seguindo as indicações do Luprício. No Salão também queremos fazer uma exposição permanente de objectos e fotografias usados nas nossas Festas, pelo que pedimos aos nossos Gaiatos que tenham algum deste material, que gostaríamos que no-lo oferecessem, o que agradecemos.

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

130 ANOS DE PAI AMÉRICO — A 23 de Outubro, segunda-feira, vamos celebrar o 130.º aniversário do nascimento do nosso querido Pai Américo. Américo Monteiro de Aguiar nasceu nesse dia, em 1887, pela uma hora da noite, na Casa do Bairro de Baixo, freguesia de Galegos, concelho de Penafiel. Era filho de Ramiro Monteiro de Aguiar e de Teresa Ferreira Rodrigues, sendo o último de oito irmãos. Foi baptizado no dia 4 de Novembro de 1887, na Igreja paroquial do Salvador de Galegos. É um dia muito feliz para todos nós!

COMEMORAÇÕES DO 130.º ANIVERSÁRIO — De Outubro a Novembro deste ano, a Obra da Rua e seus amigos vão organizar vários momentos para celebrar os 130 anos de Pai Américo. Na Diocese de Coimbra, terão início as comemorações com uma tarde festiva no dia 7 de Outubro, no Seminário Maior de Coimbra, com visitas guiadas e Eucaristia, para a qual os gaiatos e os nossos amigos estão convidados! No dia 28 de Outubro, à noite, no salão paroquial de S. José, em

Coimbra, haverá um colóquio sobre Padre Américo, em especial a Causa de Canonização, por Mons. Arnaldo Cardoso, e como Artista da Palavra, pelo Doutor Henrique Pereira. Ainda em Coimbra, na Igreja Paroquial de S. José, dessa comunidade cristã muito amiga, será celebrada a Eucaristia, no dia 29 de Outubro, pelas 12 horas. Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, sede da Obra da Rua, será o dia mais importante, a 23 de Outubro, com abertura do belo espaço Memorial Padre Américo e uma exposição sobre o 130.º aniversário, seguida da celebração da Eucaristia na Capela, onde tem campa rasa. Foi agendada ainda uma Eucaristia na Igreja Paroquial de Galegos, no dia 4 de Novembro, pelas 17 horas. Está a ser programado um colóquio comemorativo no Centro Regional do Porto (Foz), da Universidade Católica Portuguesa.

PADRE CARLOS — O nosso querido Padre Carlos, de seu nome completo Carlos José Galamba Bragança Ferreira, filho de José António Bragança Ferreira e Irene Galamba

Vieira, nasceu no dia 18 de Setembro de 1925, na freguesia de Arroios, em Lisboa. Depois do curso de Engenharia Electrotécnica, foi nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo que se decidiu a ser Padre (e da Obra da Rua), segundo nos conta o nosso querido Padre Manuel Gonçalves (com 95 anos!). Foi ordenado a 2 de Maio de 1954, no Patriarcado de Lisboa, pelo Cardeal Cerejeira. Faleceu a 22 de Abril de 2011, no Lar das Irmãzinhas dos Pobres, no Porto. Lembramos aqui e no nosso (e seu) jornal o seu 92.º aniversário, com saudade e gratidão!

TESE DE MESTRADO — Têm sido feitas várias teses académicas sobre Padre Américo e a Obra da Rua. Entre outras, neste ano, esta Casa do Gaiato ajudou a jovem Sara Santos a realizar a sua tese de mestrado em Psicologia, na Universidade de Coimbra, sobre o título *Bem me quer(o)*. Mal me quer(o): *O papel das memórias de calor e segurança e da autocompaixão no ajustamento psicológico de adolescentes institucionalizados*. Parabéns! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Placas

QUANDO cheguei a esta região, há 60 anos, na estrada principal que dá para o sul, duas placas indicavam a direcção da Casa do Gaiato.

Entretanto estas desapareceram. Ainda perguntei o porquê da retirada e foi-me dito que havia sido ordens superiores. Dei alguns passos para que as mesmas fossem repostas mas...nada consegui.

Agora, há uns meses atrás, apareceu nas vias camarárias, já perto da nossa Casa, em dois sítios, umas chapas brilhantes a indicar com bastante visibilidade a Casa do Gaiato.

Na minha ignorância da competência das autarquias, pensei escrever uma carta de agradecimento ao presidente da Junta de Freguesia; mas ao recebermos a visita da Senhora Presidente da Câmara, fiz menção do meu gosto em agradecer tão bela prenda à Junta. Ela respondeu-me com gentileza e bom humor: ai!.. A gente faz as coisas e os outros é que recebem os agradecimentos!

Aqui registamos tão bela e útil lembrança.

Quantas pessoas vêm de Lisboa para respirar o ambiente de uma Casa do Gaiato e se perdem pelos

Brejos do Assa, Algeruz, vendo-se em palpos de arranha.

Daqui em diante essas dificuldades ficam reduzidas e quem passa na estrada vê a placa brilhante a dizer **Casa do Gaiato**.

Aqui fica o registo dado, após as eleições autárquicas, para que ninguém me atire à cara de *propaganda política* e a nossa gratidão para Quem se lembra de nós.

Conduta

para Moçambique

DE vários cantos do mundo, através da *internet*, têm vindo referências ao nosso empenho nesta causa. Várias perguntas, algumas sugestões, notícias onde se poderão comprar os tubos e perguntas sobre a sua dimensão e robustez. Devo informar os nossos amigos que nada está definido mas aguardamos para breve uma conclusão, após falarmos com o engenheiro que chegará daquele país, para nos dar mais luz.

Parece que existe em Moçambique uma fábrica de gente Portuguesa com capacidade suficiente para produzir os referidos tubos e disposta a fazer-nos um bom desconto. Se assim for, brevemente darei notícias concretas para os

amigos empenhados na realização deste sonho.

O dinheiro recebido, não passa das seis dezenas de milhar de euros, mas uma certeza é certa: o Pai do Céu não me vai deixar mal, já tenho alguns sinais que me bastam.

Contentor para Moçambique

É meu desejo fazer um contentor para a nossa Casa e para os pobres que a rodeiam. Só quem vê, é que pode imaginar a avassaladora pobreza daquela gente.

A pintura enorme com 16 metros quadrados que ilustra a capela daquela Casa veio às mãos do seu autor para ser reparada e reposta depois em segurança, no seu lugar. Para Portugal foi trazida de avião e a dobragem partiu muito as telas. Para lá, tem de ir direita e encaixotada com respectivos vidros de protecção que a livrem dos excrementos da passarada, dos ventos e das intempéries da natureza, uma vez que as paredes do santuário são apenas verdura e o tecto é suspenso a dois metros do chão, permitindo que a natureza lindíssima que ali se



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

UM casal ainda novo, já com quatro filhos, foi o meu guia para encontrar, no centro da cidade de Setúbal uma ignorada *bolsa* de miséria e pobreza.

Acho muito interessante e sem graça nenhuma, o substantivo *bolsa* usado actualmente pelos sociólogos teóricos para designar um conjunto de famílias a viver miseravelmente e em estrema pobreza.

Bolsa significa um pequeno saco onde se guarda qualquer coisa; mas, esta que encontrei é enorme. São muitas as famílias a viver assim.

Pela frente depara-se-nos um muro alto a vedar tudo e um caminho largo de terra batida com alguma gravilha e saibro. Por trás do muro moram famílias em casas velhas, abarracadas.

Primeira encontrada pertencia ao casal meu guia. Como explicar?! Não é fácil. Entramos no quintal com porta numerada, desce-se três degraus altos e caminha-se por um carro, em cimento, inclinado para a barraca, com seis metros de comprimento e um de declive. Esta via leva-nos dentro do casebre sem portas onde dois reduzidos compartimentos fazem de cozinha de um lado e do outro da vereda. Em cima de uma reduzida mesa, num dos lados está uma placa de fogão onde se fará, algumas vezes o comer, e no outro um pequeno lavatório metálico para lavar a loiça. Depois é que se encontra o fecho da casa: — uma porta de pinho muito apodrecida que deixa entrar o frio e o calor.

Estes dois apoios de fora, são

cobertas de chapas velhas e meias partidas de lusalite, colocadas transversalmente umas sobre as outras, as quais recebem a água da velha e inclinada cobertura em telha, fazendo naturalmente do carro descrito, antes da porta um forte regato, desviado para fora por uma altura de cimento.

Quando as chuvas são fortes, aquilo deve ser um mar de água!

Entramos. Deparou-se-me uma pequena sala com um sofá de duas pessoas, sebento e apodrecido, como única mobília. Ao lado, o quarto do casal sem janela e sem porta, onde só cabe a cama. A única porta da casota é a que referi. Outra abertura no fundo da sala indica-nos o quarto dos meninos, onde também, cabe apenas uma cama de casal. Mas eles não tinham camas nem lençóis. Governavam-se com os estrados assentes em cima dos tijolos.

Cá em cima, junto ao muro que tudo tapa e ao nível dos primeiros degraus, está a casa de banho, sem lavatório nem bicha de duche. Disseram-me que punham água por cima do corpo, com um balde.

Aquilo era tudo tão velho e tão desaconchegado que me apeteceu ir lá com uma máquina, pôr tudo abaixo, aproveitar o entulho e construir em cima uma casinha para aquela família. Mas não. O casebre é do tio. Eles são novos. Preferi dar-lhe a mobília necessária, roupa e loiça mais um beliche para a menina, com oito anos, dormir por cima dos irmãos.

Ele tem vinte sete anos e só a quarta classe mas pareceu-me

desembaraçado e terá de se esfolar para arranjar a casa.

Os passarinhos fazem o ninho antes de criar os seus filhotes, a raposa as suas tocas e toda a natureza nos indica que antes de gerar filhos é preciso criar-lhes o ambiente.

Vamos comprar chapas de sânduiche que isolarão o calor e o frio, vedarão a chuva e darão um ar de asseio ao tecto da habitação. A seguir, sempre com ele, modificaremos a cozinha, fechando-a com porta. Aos quartos e à sala daremos janelas e talvez coloquemos um chão mais agradável por cima do cimento frio.

A isto poderemos depois chamar *luta contra a pobreza*; pedagogia social, promoção da família, todos os chavões que enchem quase sempre os média.

Na mesma *bolsa* (?) a trezentos metros de distância havia encontrado um casebre semelhante. Dei-lhe a mesma receita, mas eles ainda não se agarram. São novos. Apoiamos com tudo o que o bom senso e a prática nos inspira, na certeza sempre actualizada da fé cristã que *quanto mais damos mais temos para dar*.

A pobreza destas pessoas assenta sempre numa raiz de fragilidades que as impedi de estudar, aprender a trabalhar e, muito menos, lhes deu hábitos de trabalho. Iluminam-nos a esperança que os seus filhos ultrapassem esta medonha barreira de ignorância e... amanhã, criem outra mentalidade que ajude as gerações futuras a alimentar um ideal de dignidade humana. □

VINDE VER!

Padre Quim

Os talentos

PROMOVER o que é bom, e desaconselhar o que é mau é um acto de caridade para com o nosso próximo. Vai na linha da caridade fraterna. Não são poucas vezes que a linha de programação de algumas estações de televisão rumam na direcção contrária àquilo que concorreria para educar a partir do que os olhos vêem. A imagem arrasta multidões, a criança quase segue à risca.

Chegou ao nosso conhecimento, a boa vontade do pessoal ligado a uma produtora musical localizada na cidade do Lobito. Gente jovem, e solidária com o objectivo de descobrir novos talentos no estilo musical *gospel*. Foi uma tarde de Domingo diferente. Palco do nosso anfiteatro montado à cor e bom som. Os nossos rapazes vibraram com a plateia. No final das suas actividades deixaram-nos o seu

gesto de amor pelos filhos da nossa Casa.

Em matéria de promoção e elevação da pessoa humana o trabalho é permanente, exigente e edificante quando sabemos bem onde queremos orientar os que nos foram confiados. É ao longo do percurso laboral em que se descobrem os tesouros escondidos. Aqueles que muitas vezes até são desconhecidos pelo próprio sujeito. Todo o ser humano está chamado a realizar uma missão debaixo do sol. E o nosso Bom Deus não confere encargos superiores às forças que cada um é capaz de despender ao longo da sua jornada nesta terra. Descobrir quanto antes o caminho a percorrer ajuda a economizar forças e direcioná-las para a meta onde pretendemos chegar. Alguns dos nossos mais pequeninos são habilidosos e apreciadores da arte. Música, dança, desenhos e pinturas, entusiasmam o lado artístico da nossa rapaziada. O que é belo na natureza encanta, e convida a encan-

rar a criação com o pensamento posto no Criador.

As nossas oficinas são escola de trabalho, com os meios que temos e com o pessoal profissional, a quem atribuímos esta vertente educativa dos rapazes, assim como o oleiro trabalha o barro, e como o agricultor prepara a terra para lançar nela as sementes. Gostaríamos que assim fosse em cada secção. O desejo é uma coisa a realidade é outra. Em matéria de educação muitas vezes acontece assim. Grandes expectativas para tão pouca aspiração. Uma pergunta que uns adultos fazem ao encontrar certa simpatia a uma adolescente ou jovem, sobre o que o gostaria de ser quando fosse grande. Era como destapar o cesto dos talentos e pô-los à luz... Certo dia um jovem disse que não queria pôr a render os seus talentos com medo de que a comunidade viesse a absorver as suas forças. Então preferiu embrulhar-se num pano e esconder-se do serviço que estava chamado a prestar a bem da sua comunidade. Os filhos das trevas são mesmo mais espertos que os da luz no trato com o seu semelhante. O Evangelho é a verdade para todos os tempos. Não há outra! A conclusão é de nosso Pai Américo: *Que tremenda não é a responsabilidade na hora derradeira, quando vier o dono da fazenda pedir contas da administração de cada um de nós! Pois se foi tão severamente castigado aquele servo que escondeu o talento, que fará quem no tiver gasto mal? Porque naquela hora todos são servos, mesmo os que na vida passaram por grandes senhores.* □

desfruta seja fonte inspiradora para louvar o criador. É este inconveniente de dar liberdade às aves do céu e às mudanças da temperatura que nos obriga a proteger de forma definitiva, tão rara e bela peça de pintura sagrada.

O seu transporte também justifica a aquisição do contentor, mas a irmã Quitéria mandou uma lista larga de necessidades urgentes a que esta Casa irá responder e onde se inclui uma tonelada de atum de conserva, várias sementes, uma

dúzia de sacos de milho de 50 mil bagos cada, além de alfaias manuais para agricultura, calçado, mangueiras, material de limpeza que iremos adquirir com a ajuda de amigos.

A trinta deste mês celebraremos o primeiro aniversário da passagem para a Eternidade do nosso santo e mártir padre José Maria. Comungar connosco esta data, é colaborar no preenchimento do contentor. □

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

130.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO

Galegos (Penafiel), 23-10-1887. 23-10-2017.



AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR (AMA)
PADRE - PAI AMÉRICO

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

Outubro 2017

- Dia 7, Sábado, 13-18 horas, Seminário Maior da Sagrada Família de Coimbra: Almoço com farnel, nos jardins; visitas guiadas ao Seminário; Eucaristia.
- Dia 23, Segunda-feira, 18-20 horas, Casa do Gaiato de Paço de Sousa: Abertura do espaço do Memorial Padre Américo – Obra da Rua (antigas escolas), com Exposição sobre o 130.º Aniversário do nascimento do Padre – Pai Américo; Eucaristia, na Capela da Casa do Gaiato; jantar comunitário.
- Dia 28, Sábado, 21 horas, Salão Paroquial de S. José (Coimbra) – Colóquio Padre – Pai Américo – 130.º Aniversário (1887-2017): – *Causa de Canonização do Servo de Deus Padre Américo*, por Monsenhor Dr. Arnaldo Pinto Cardoso, Postulador da Causa de Canonização;
- *Padre Américo: Artista da Palavra e das palavras*, por Prof. Doutor Henrique Manuel Pereira, da Universidade Católica Portuguesa (Escola das Artes – Porto).
- Dia 29, Domingo, 12 horas, Igreja Paroquial de S. José (Coimbra): Eucaristia.

Novembro 2017

- Dia 4, Sábado, 17 horas, Igreja Paroquial de Galegos (Penafiel): Eucaristia (130 anos do seu Baptismo).

PENSAMENTO

Pai Américo

Como as águas vivas no fundo dos mares, também a vida se agita no mundo das almas, em constante e perpétuo movimento; fluxo e refluxo de miséria e de misericórdia. Deus, na sua misericórdia sem limites, salva-nos sem nos consultar. O mal que nos fazem, é neutralizado pelo bem que outros praticam, e tudo isto é lei de amor.

Pão dos Pobres, 1.º vol., 2.ª ed., 1942, p [49].



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21200

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE

Quitéria Paciência Torres

No início do dia tenho sempre pessoas com as suas preocupações, o electricista, o machambeiro, o professor, os da saúde..., enfim, o nosso dia-a-dia. Hoje foi diferente, fui chamada à esquadra para resolver assuntos de um dos nossos que resolveu ser rico antes do tempo. Depois de 2 meses aos cuidados da polícia e aconselhamento de amigos e irmãos, sentimos a necessidade de entregá-lo à responsabilidade da família. Não foi fácil, pois nestes casos resolver assuntos na esquadra o mais importante não são os aspectos morais ou comportamentais mas sim aspectos materiais. Tudo resolvido, dinheiro, dinheiro, dinheiro, o mais importante. Que dor na minha alma e na alma daquela que é sua mãe biológica, que o quer muito. Finalmente, saiu com a sua mãe e eu com a tristeza de não ter conseguido alcançar o objectivo e ver aquele pobre cego, de olhos abertos e bem esperto, à espera da liberdade para aprontar mais uma. Os caprichos deste filho são insaciáveis. Chego a Casa;

mais uma chamada da polícia, desta vez dizem que devo ir com muita urgência, pois estavam para encerrar o expediente. Fecham às 15 horas e diziam ter encontrado uma criança abandonada à beira do rio. Meu Deus, mais uma vez voltar à Polícia e deixar a Casa! Mas por amor a Deus e aos mais pobres lá fomos. Ao chegar à esquadra, disseram que a criança tinha sido acompanhada ao Hospital, pois estava muito mal. Lá fomos ao Hospital. A senhora que o encontrou estava ali para o acompanhar. A pobre criança mal mexia os olhos. Dizia ela: «Estava deitada e não se mexia. Ao aproximar pensei que estivesse sem vida. Passado algum tempo mexeu-se. Aproximei e vi uma capulana ao lado, envolvi-o e levei-o à Polícia». Ali naquele momento estava no lugar ideal, mas a pobre senhora que o encontrou teve toda manhã com ele e a responder a inquéritos sobre onde, como, de que maneira o encontrou, com roupa, sem roupa, olhos abertos ou fechados..., enfim. Parece que somos papéis, e isto é o que

vale. Médicos e enfermeiros passavam indiferentes. Alguns julgavam a mãe, o pai... Finalmente, foi-nos entregue um papel com o diagnóstico de criança má nutrida e deficiente. Era dia de São João Maria Vianney. O Joãozinho tinha muita fome, logo parámos num estabelecimento para pedir água quente para lhe fazer um leite. Não falava, não sorria, não andava, nem reagia a nada. A observação da nossa pediatra indicou que deveria ter 3 anos. Hoje, passados 15 dias, o Joãozinho é a alegria da Casa. Ri, brinca, reage a todos os estímulos e já tenta dar os primeiros passos.

Queremos agradecer a todos os nossos benfeiteiros que nos têm apoiado para que estes milagres aconteçam. Neste ano, de seca, crise económica e de perda de valores da sociedade, é preciso ter Fé e todos os dias acreditar em milagres. Queremos também agradecer a todos os voluntários que neste ano têm passado pela nossa casa, pois têm sido um grande apoio para todos nós. Que o Padre Américo interceda por nós junto de Deus e que nunca nos falte o Amor e Pão de cada dia.. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

uma referência episcopal no Porto: *Foi na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde, com os meus condiscípulos, como jovens estudantes, fazímos voluntariado durante as férias, que conheci o senhor D. António Ferreira Gomes, em 16 de Julho de 1969, na primeira visita que ali fizera, apenas regressado à Diocese. Recordo as suas palavras na Homilia da Eucaristia que celebrou. [...] Elogiou as crianças e os jovens da Casa, dizendo-lhes que as flores mais belas não são as que nascem cuidadas nos melhores jardins, mas sim aquelas que se encontram à beira dos caminhos ou na aridez das montanhas ignoradas e dos tugúrios desconhecidos. Assim eram para ele as crianças do Gaiato!*

De forma muito determinada, conforme missiva de 24 de Maio, confirmou presença em 16 de Julho de 2016: *Venho confirmar a minha disponibilidade para presidir à celebração da Eucaristia na igreja da Trindade e assim poder participar na celebração dos 60 anos da morte do Padre — Pai Américo. Refiram-se, ainda, outros momentos importantes de proximidade, em momentos difíceis: lançamento do livro *É tempo de falar do Padre Américo* (da Modo de Ler), na Praça da República (onde há uma estátua sempre com flores frescas...), no Porto, em 22 de Outubro de 2016; presença na Recollecção de Advento dos Padres da Diocese do Porto, no Seminário Maior da Nossa Senhora*

da Conceição, em 22 de Novembro de 2016, em que foi apresentada uma Súmula Biográfica do Padre Américo; a Nota Pastoral Obra da Rua e Padre António Baptista dos Santos, sobre o Calvário em Beira, a 24 de Março de 2017; e o colóquio comemorativo dos 61 anos da morte do Padre Américo, em 13 de Julho de 2017, na Universidade Católica Portuguesa (Foz — Porto).

No último dia de Agosto, chegou-nos uma bela missiva com palavras que não se devem perder, mas registrar gratamente nestas colunas de saudade e esperança: *Asseguro-lhe a certeza da minha oração e da minha bênção e peço que reze também por mim e me abençoe. De Roma insistem para que nos mobilizemos de forma mais activa no Processo de Canonização do Padre Américo para que sejam reconhecidas as virtudes heróicas. Veja o que devemos fazer. Dedicado e grato em Cristo: + António, Bispo do Porto.*

Entretanto, a 9 de Setembro, viveu intensamente e com muita alegria, conforme retrato do seu rosto feliz, a linda peregrinação diocesana a Fátima, deixando como que um testamento, do qual respigámos o miolo: *Igreja do Porto: Vive esta hora, que te chama, guiada pelas mãos de Maria, a ir ao encontro de Cristo e a partir de Cristo a anunciar com renovado vigor e acrescido encanto a beleza da fé e a alegria do Evangelho. Viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A vossa e a minha missão!*

Finalmente e neste caminho ascendente, a 13 de Setembro, pelas 15 horas, uma multidão impressionante, de muitos milhares de pessoas, participou na Catedral do Porto e no Terreiro da Sé na Missa exequial por D. António Francisco. Foi uma celebração muito comovente e de gratidão por um Bispo amigo, testemunhada por tantos amigos seus, que se despediram no pórtico da Catedral e na descida no lajedo granítico da Capela de S. Vicente, ao pé dos Bispos do Porto D. Agostinho e D. Armindo. Que descansem em Paz!

Foram cumpridas na sua vida, de verdade, estas palavras suas na entrada na Diocese do Porto, como Bispo sábio, bondoso e próximo: *Só pela bondade aprenderemos a fazer do poder um serviço, da autoridade uma proximidade e do ministério uma paixão pela missão de anunciar a alegria do Evangelho.*

Junto de Deus, estará próximo de Padre Américo, que partiu com 68 anos e também experimentou como homem das dores a sua fé no mistério de Deus, ao dizer (em 1933): *Morremos todos sem saber jamais as coisas inenarráveis que Deus tem para dizer aos mortais, em horas de suprema angústia. D. António Francisco foi um homem de Deus, de ora et labora. É bem possível e desejável que nos vá dando notícias da Causa de Padre Américo e de vocações para a Igreja, também para o serviço aos pobres, que não podem esperar!* □



BENGUELA

Padre Manuel António

A Fonte é o Amor

A falta de alimento é um flagelo que aflige muitas pessoas. O nosso coração deve estar sempre sensível para dar a sua ajuda. As obras de misericórdia devem animar de tal modo as nossas vidas que sejam uma manifestação do amor para com os mais necessitados. Por este caminho superior, resulta admirável a atitude de cada um de nós, porquanto vivemos também constantemente das misérias e necessidades dos nossos irmãos. Não temos medo! O que é nosso também faz parte do património dos pobres e miseráveis. Não somos egoístas. Não pensamos apenas nos nossos interesses pessoais e familiares. Demos o nosso coração, de mãos estendidas, a quem nos bate à porta, até ao limite das nossas possibilidades. Quem dera a nossa sociedade seja animada por estes tesouros humanos. Que dizeis, perante este desafio verdadeiramente inquietante e portador da autêntica saúde da humanidade? A nossa querida Casa do Gaiato de Benguela é um testemunho muito vivo das duas vertentes: a satisfação das suas necessidades urgentes, com a ajuda dos seus amigos benfeiteiros, e a partilha com os miseráveis necessitados que entram na porta do seu coração. Deste modo, estamos a ser vida deste nosso mundo humano. Há, sem dúvida, uma multidão de gente escrava de necessidades extremas. Com o nosso coração generoso, não egoísta, a pensar apenas em si mesmo, ajudamos a libertar os nossos irmãos da fome e doutros problemas aflitivos. Estou a lembrar-me, por exemplo, daquele bairro de cubatas miseráveis, onde vive uma multidão de crianças com seus familiares. Não têm outro espaço digno, porque lhes falta a verdadeira ajuda do governo e doutros corações solidários. Estas situações, verdadeiramente humanas que se tornam desumanas, não nos devem permitir fugir, pelo desinteresse e indiferença, dos problemas dos nossos irmãos e filhos, mas a sentir-nos comprometidos com eles. Quem dera este projecto entre a fazer parte das nossas vidas!

Hoje, Domingo, tivemos a nossa reunião dos Chefes da Comunidade destes filhos numerosos da nossa querida Casa do Gaiato. O Chefe deve ter uma estrutura humana, suficientemente segura, para conseguir dar o apoio, aos seus irmãos nas várias vertentes das suas vidas. É um elemento essencial na vida regular da nossa Casa do Gaiato. Somos uma família cristã. Pai Américo, ao fundar a primeira Casa do Gaiato, fez dela um eco do seu amor, nascido e alimentado no AMOR do Coração de Jesus Cristo. Por isso, o edifício humano e espiritual que está em cada Chefe deve ter como alicerce uma relação muito íntima com Jesus Cristo. Doutro modo, não terá aquela segurança que lhe permita garantir, sem desânimo, a ajuda aos seus irmãos gaiatos, na construção do filho cristão que Pai Américo sonhou e levou para a frente. Por isso, o ponto inicial, focado na reunião, foi a necessidade deste alicerce espiritual, feito com o amor à oração e a outras pedras preciosas da vida cristã. Deste modo, juntamente com a dimensão humana, natural, na vida do Chefe, não lhe faltam as condições para o cumprimento da sua missão. Outros assuntos muito importantes da vida da comunidade foram tratados com muita responsabilidade. Há confronto com os vários problemas que afligem a vida da nossa família para os quais procuramos dar uma recta solução. Os respectivos Chefes são pontos de apoio e focos de luz neste sector da vida da nossa Casa do Gaiato. A reunião é regular, com normalidade quinzenal. É uma vivência muito actual do lema que Pai Américo nos deixou para a Casa do Gaiato: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

O grupo Projecto O GRÃO, constituído por seis elementos, três Rapazes e três Meninas, terminaram a sua missão na nossa Casa do Gaiato de Benguela e regressaram a Portugal. Foi um serviço maravilhoso, nas mais variadas dimensões humanas e espirituais, prestadas aos nossos rapazes. A fonte da sua actividade foi o Amor. É o segredo da fecundidade do trabalho realizado, sem desânimo, na formação destes filhos, desde os seis anos até mais dos vinte e cinco. Que os seus corações os levem com muita ternura. Do mesmo modo, ficam também muito presentes nos corações destes filhos. Que os frutos produzidos por estes GRÃOOS tenham repetição todos os próximos anos. Levei convosco um beijo muito querido da nossa Casa do Gaiato de Benguela, pelo carinho revelado, ao longo da estadia de dois meses e o donativo que fizestes de trezentos e vinte e oito mil kwanzas à nossa Casa do Gaiato, na hora da partida. Um beijinho dos filhos mais pequenos para todos os leitores e todos aqueles corações que estão unidos connosco. □

SINAIS

Padre Telmo

SEGUNDA vez os nossos rapazes de Beira! Dois ficaram muito tristes porque estavam na praia e não ficaram na fotografia. Sai agora completa, para dar alegria aos dois. Vale a pena? «Tudo vale a pena...» Será uma alegria para os dois. Também Padre Baptista ficará feliz, olhando todos eles.

* * *

O «Pomba» encontrou 10 euros num caminho. Foi uma festa. 10 euros para um rapaz é uma fortuna: — Que vais comprar? — Silêncio.

— Pagas um café? — Silêncio.

De vez em quando mostrava a nota —, uma riqueza!

Veio a vindima — momentos de alegria para os rapazes, todos participam.

O nosso «Pombinha» foi à drogaria e com a nota comprou uma tesoura de poda para vindimar. Na manhã do primeiro dia apareceu feliz com a sua tesoura nova.

— O meu café? — Disse eu.

— Não há café —, respondeu.

Tesoura nova a cortar uvas. □